



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



**PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-  
PARFOR**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ELILSON MIQUILES MOTA**

**A TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA:  
MINHA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À GRADUAÇÃO**

**BARREIRINHA – AM**

**2024**

**ELILSON MIQUILES MOTA**

**A TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA:  
MINHA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À GRADUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR/FACED, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), turma de Barreirinha – PA421, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Professora Vera Lúcia Reis da Silva– docente de OTF 2

Co-orientador: Breno de Oliveira Ferreira – docente de STF

**BARREIRINHA – AM**

**2024**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M917t Mota, Elilson Miquiles  
a trajetória da minha vida : minha trajetória da educação básica à  
graduação / Elilson Miquiles Mota . 2024  
39 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Vera Lúcia Reis da Silva  
Coorientador: Breno de Oliveira Ferreira  
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. trajetória da infância . 2. vida acadêmica . 3. vida profissional .  
4. educação. I. Silva, Vera Lúcia Reis da. II. Universidade Federal  
do Amazonas III. Título

**ELILSON MIQUILES MOTA**

**A TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA:  
MINHA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA À GRADUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR/FACED, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), turma de Barreirinha – PA421, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho foi APROVADO pela banca examinadora em 31/07/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Breno de Oliveira Ferreira – UFAM (Presidente)  
Orientador



Professor/a Priscila Soares Lima - UFAM  
Avaliadora

## DEDICATÓRIA

*Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso especialmente à memória do meu pai, Renato da Silva, in memoriam, que prometeu, em vida, ficar até o meio do meu curso. Escrevo estas palavras em lágrimas. Sei que foi feita a vontade de Deus e não a minha. E a promessa que eu te fiz, pai, mesmo no céu, receba a minha singela homenagem por meio desta dedicatória, e este diploma eu dedico a ti e à minha mãe, Faustina de Oliveira. Ao meu filho, Mike Miquiles Mota, deixo como herança os estudos e o orgulho de ver seu pai formando-se como um exemplo de vida a ser seguido.*

## **AGRADECIMENTOS**

Com força e determinação, concluo esta etapa. Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela oportunidade que me foi proporcionada neste momento.

À Universidade Federal do Amazonas, que me acolheu ao longo dos meus estudos, através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR.

Agradeço à minha família, que acreditou no meu potencial, não desistiu de mim e me dedicou carinho, atenção e amor.

Agradeço aos professores, que estiveram compartilhando os conhecimentos científicos e empíricos com todos os cursistas durante estes anos de curso. Foram aprendizados que vamos levar conosco para toda a vida.

Agradeço aos colegas de curso, que foram importantes no incentivo diário, pois não era fácil a jornada do dia a dia. Tínhamos realmente que incentivar uns aos outros, os obstáculos eram muitos, as dificuldades apareciam a todo momento e, se não fossem as palavras de motivação, muitos teriam ficado pelo meio do caminho.

Agradeço aos amigos, colegas e parentes que estiveram dando apoio durante o curso e em outros momentos. A ajuda de todos também foi imprescindível na continuação e realização do meu sonho.

*“Somos o lugar onde nós fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos”*

Miguel Arroyo

## **RESUMO**

O presente memorial tem como objetivo relatar a trajetória da infância até a vida acadêmica e profissional do discente/professor Elilson Miquiles Mota, durante a caminhada do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação Faced/Ufam do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR. Assim, a construção de um memorial nos possibilita documentar, de forma descritiva e analítica, memórias e fatos que consideramos importantes em nossa vida pessoal, acadêmica e profissional, contribuindo para a formação de um profissional mais consciente e autônomo. A partir de toda esta trajetória acadêmica, desde a infância até a conclusão do Curso de Pedagogia, construí uma história de sonhos, lutas e realizações. Enfim, a parte mais gratificante foi a vivida na sala de aula e no ambiente acadêmico. Refletir sobre a sala de aula é refletir sobre a vida acadêmica, já que todos os conteúdos estudados na teoria mostram a prática como reflexo. A prática do ensinar e aprender, e vice-versa, é uma constante ação na prática educativa no contexto escolar. Os estágios realizados durante o curso apresentam a realidade vivida na escola com o público da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, e também proporcionam o conhecimento do trabalho da Gestão Escolar. Portanto, este TCC está estruturado em capítulos para melhor entendimento dos assuntos abordados.

Palavras-chave: Trajetória da Infância; Vida Acadêmica; Vida Profissional.



## **ABSTRACT**

This memorial aims to report the trajectory from childhood to the academic and professional life of the student/teacher Elilson Miquiles Mota, during the course of Pedagogy at the Faculty of Education Faced/Ufam of the National Plan for the Training of Basic Education Teachers - PARFOR. Thus, the construction of a memorial allows us to document, in a descriptive and analytical way, memories and facts that we consider important in our personal, academic and professional lives, contributing to the formation of a more conscious and autonomous professional. From this entire academic trajectory from childhood to the completion of the Pedagogy Course, I built a story of dreams, struggles, achievements, in short, and the most rewarding part was that experienced in the classroom and in academics. Reflecting the classroom is reflecting academic life, since all the contents studied in theory show practice as a reflection. And the practice of teaching and learning, and vice versa, is a constant action in educational practice in the school context. The internships carried out during the course present the reality experienced in the school with the public of Early Childhood Education, Elementary School I and also knowing the work of School Management. Therefore, this TCC is structured in Chapters for a better understanding of the subjects covered.

**Keywords:** Trajectory of childhood; Academic life; Professional life.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sítio onde nasci .....	13
Figura 2 - Castanheira do Sítio onde nasci .....	14
Figura 3 - Escola Municipal Filho de Deus .....	19
Figura 4 - alunos de multisseriado 10 ao 5º ano.....	19
Figura 5 - Sala de aula está funcionando.....	20
Figura 6 - Apresentação de trabalho.....	23
Figura 7 - Escrevendo o Memorial.....	24

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CPF	Cadastro de Pessoa Física
PARFOR	Programa de Formação de Professores da Educação Básica
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPPI	Projeto Político Pedagógico Indígena
PSC	Processo Seletivo Contínuo
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SIS	Sistema de Ingresso Simplificado
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 CAPÍTULO I – DA ENTRADA NA ESCOLA AO INGRESSO NO MAGISTÉRIO EM AMBIENTE AMAZÔNICO.....</b>	<b>13</b>
1.1 De casa a escola .....	13
1.2 A escola e o exercício do magistério.....	16
<b>2 CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NÍVEL SUPERIOR.....</b>	<b>21</b>
2.1 O ingresso no PARFOR: A trajetória da formação em serviço.....	21
<b>3 CAPÍTULO III – REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A GESTÃO ESCOLAR.....</b>	<b>24</b>
3.1 A Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na escola amazônica.....	24
3.2 Práticas e vivências no campo do Estágio nos anos iniciais.....	28
3.3 A gestão escolar no contexto do Amazonas.....	31
3.4 Plano de Ação/Intervenção.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao memorial que corresponde à atividade final do curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM e pelo Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR.

A palavra "memorial" vem do latim *memoriale* e significa momento, fatos memoráveis que precisam ser lembrados. Desse modo, o memorial é um importante instrumento para a compreensão dos acontecimentos e uma valiosa referência para a reflexão acerca dos saberes e das práticas docentes. Os memoriais se revelam uma amostra modesta, porém vigorosa, do que vem sendo produzido no campo da educação por pensadores de grande prestígio no meio acadêmico e educacional brasileiro (REGO, 2014).

Este memorial tem o objetivo de narrar a minha trajetória escolar, acadêmica e profissional. Nessa trajetória de vida, aos 34 anos de idade, tenho muitas experiências e vivências para relembrar de forma escrita neste trabalho. Considero que é importante falar de mim e sobre mim, e, ao mesmo tempo que relembro minha trajetória, tenho a oportunidade de refletir sobre a realidade da vida em seus vários aspectos.

A história descrita apresenta, primeiramente, minha origem e os desafios que passei para estudar. Num segundo momento, retrata a saída da casa de meus pais em busca de oportunidades e o início de minha carreira como professor do 1º ao 5º ano na Escola Municipal Indígena “Filho de Deus”; Posteriormente aborda o curso de Pedagogia, pois o meu sonho era cursar uma faculdade na área de educação; e, por fim, traz um relato sobre a minha trajetória como professor na comunidade indígena, com experiências em duas escolas.

A metodologia usada neste trabalho foi baseada na abordagem qualitativa. A pesquisa com abordagem qualitativa se fundamenta em “[...] se ocupar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]” (MINAYO, 2009, p. 21). A técnica que combina com este tipo de trabalho é a narrativa com ênfase na história de vida, pois esta possibilita a construção de uma compreensão mais completa e contextualizada das experiências dos indivíduos, através da reconstrução e interpretação das suas trajetórias pessoais.

Assim, relembrar os fatos de cada momento é importante e nos faz ver quem somos, o que aprendemos e reaprendemos, pois somos inacabados e, à medida que somos influenciados,

também influenciemos. Quero influenciar pessoas para o bem por meio do conhecimento e da educação. Escrever este memorial me fez lembrar de fatos que já havia esquecido antes. Todavia, rememorar requer uma certa tranquilidade e perspicácia para fazer emergir o que realmente é importante para este momento.

Relato lembranças das experiências que vivi desde minha infância até a minha vida acadêmica e percebo com muita tranquilidade os fatos que já havia esquecido antes. Com a escrita deste memorial, pude refletir sobre as coisas do passado que enfrentei na infância. Neste sentido, narrar e refletir sobre nossa vida nem sempre é fácil, pois, muitas vezes, nos remete a lembranças ruins, e outras trazem saudades.

A história de vida se entrelaça com a história profissional; uma surge em decorrência da outra e, de vez em quando, continuamos a vida profissional por causa da nossa história de vida. Sempre temos algo a contar, pois algo acontece, quer seja na fase da infância, adolescência ou na vida adulta, que possa servir para nossa reflexão como pessoa e profissional.

Assim, apresento os caminhos percorridos e percebo, no momento de imersão às memórias, que somos inacabados, sempre em busca de aperfeiçoamento. Vibra pujantemente em nosso íntimo a necessidade de percorrer sempre outras estradas e continuar aperfeiçoando o que aprendemos. Quando analisamos determinadas questões sob a égide de novos conhecimentos trazidos por alguém que percebeu algo que a maioria ainda não conseguiu enxergar, é que descobrimos que é preciso se reinventar, mas nada aleatório, sempre consciente do caminho que precisa ser tomado.

Essa nova direção não descarta as vivências anteriores, mas utiliza-as para que se tenha segurança na jornada seguinte. Assim, imergi nas minhas memórias em busca de mim e, ao mesmo tempo, refletindo sobre os acontecimentos que vivenciei ao longo da minha trajetória desde a infância.

## **CAPÍTULO I**

### **DA ENTRADA NA ESCOLA AO INGRESSO NO MAGISTÉRIO EM AMBIENTE AMAZÔNICO**

Em 1997, quando tinha cerca de sete anos de idade, tive a oportunidade de estudar na 1ª série na Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus, da aldeia Nova América. Em 2012, terminei o Ensino Médio Normal na Escola Estadual Professora Maria Belém. Desde então, ingressei nos vestibulares da UEA e da UFAM, mas não consegui ser aprovado até surgir o processo seletivo do PARFOR, no qual estou hoje.

#### **1.1 De casa a escola**

Meu nome é Elilson Miquiles Mota. Nasci no dia 29 de agosto de 1990 no sítio chamado Pira Arara, localizado na margem esquerda do rio Andirá, pertencente à aldeia Nova América, município de Barreirinha, estado do Amazonas. Meus pais chamam-se Renato da Silva e Faustina de Oliveira, ambos da etnia Sateré Mawé. Tenho oito irmãos. Atualmente, moro na aldeia Sagrado Coração de Jesus, uma comunidade recém-criada, localizada na margem direita do rio Andirá, e fundada no dia 11 de abril de 2013.

Figura 1 - Sítio onde nasci



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2 – Castanheira do Sítio onde nasci



Fonte: Arquivo pessoal

Posso dizer que minha infância foi ótima. Morava com meus pais e era super sapeca, pois tinha toda a natureza à minha disposição, assim como as crianças do meu tempo. Tínhamos tempo livre para brincar, aprontar e, ao mesmo tempo, chorávamos quando aconteciam brigas com outras crianças. Meus pais me deixaram livre para aproveitar minha infância. Brincava com meus amigos de esconde-esconde, jogava bola feita de palha, subia nas árvores, pulava na água, comia frutas—isso é muito normal na vida de cada criança que mora em comunidades indígenas. Mas o que eu mais adorava era brincar com a flecha e cuidar dos meus cachorros, o que me dava uma felicidade imensa, pois até hoje sou um eterno apaixonado por animais de estimação.

Podemos perceber a maneira como a infância é vista atualmente, pois sofre influência dos tempos contemporâneos. Com as transformações sociais, as crianças vêm tendo novas formas de brincar, mas o que não se pode perder é a essência dessa fase. “Este percurso (esta história), por outro lado, só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância” (BUJES, 2001, p. 13).

A maneira como a infância é vista atualmente é mostrada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), que afirma que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Sendo assim, durante o processo de construção do conhecimento, “as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter ideias e



hipóteses originais sobre aquilo que procuram desvendar”. Esse conhecimento construído pelas crianças “é fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (BRASIL, 1998, p. 23).

Daí percebo a importância das brincadeiras, tanto na escola quanto fora dela. Na fase da infância, as brincadeiras ao ar livre, fora da sala de aula, parecem ter outro sentido e significado. Sendo assim, os professores da educação infantil precisam valorizar esses momentos de brincadeiras livres e criativas, respeitando a particularidade e a cultura de cada criança. Ainda convém salientar que

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da Psicologia, Antropologia, Sociologia, Medicina, etc., possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns do ser das crianças, elas permanecem únicas em sua individualidade e diferenças (RCNEI, 1998, p. 22).

Sou de uma família pobre. Meus pais eram analfabetos e enfrentavam dificuldades para sustentar seus oito filhos. Para garantir o sustento, eles se esforçavam trabalhando na roça, coletando frutas no mato e caçando todos os dias. Na época, era difícil para os pais matricularem os filhos nas escolas, especialmente para meu pai, que não tinha muito interesse nos estudos dos filhos. O que interessava a ele era realizar as atividades diárias, como caçar, pescar, roçar e coletar frutas no mato; ou seja, isso fazia parte da cultura indígena.

Sinto muita saudade e fico bastante emocionado ao lembrar das coisas maravilhosas que fiz na minha infância. Uma brincadeira que me lembro bastante é a de bibijá com a flecha. Era uma brincadeira tradicional que envolvia crianças, jovens e até mesmo adultos. Para competir, é preciso ter um alvo, que pode ser uma tora de bananeira, uma folha ou uma fruta, colocados a uma distância de aproximadamente dois ou três metros dos competidores. Essa brincadeira é composta por duas pessoas ou mais. Cada criança ou jovem tem uma flecha e aquele que acerta passa de fase e fica esperando o próximo adversário, e assim o jogo continua. Pode até parecer estranho para os outros, mas para mim tinha muito significado, ainda mais porque eu era muito artilheiro.

Silva, Macedo e Nunes (2002) afirmam que as brincadeiras são momentos fundamentais para compreendermos o universo infantil, pois as crianças sabem coisas que muitas vezes sequer nos passariam pela cabeça. As autoras reforçam que:

Essas brincadeiras estabelecem entre si uma relação de complementaridade, refletindo momentos de interiorização e exteriorização, de concentração e de expansão, de descoberta e de reafirmação, de vivências individuais e coletivas, por certo necessário a um desenvolvimento equilibrado e pleno” (SILVA, MACEDO & NUNES, 2002, p. 79).

Pensar o espaço das brincadeiras como fundamental para a construção de uma cultura coletiva é, sem dúvida, uma tarefa de importância ímpar, pois as crianças parecem compreender de forma muito clara a constituição objetiva desse espaço. Brincar é uma “performance” que se remete diretamente às atividades diárias vividas pelos adultos e possibilita às crianças interferirem nessa realidade de forma dialógica e relacional, constituindo papéis sociais onde suas formas de interpretar a realidade se apresentam, inclusive, como expressão de seus questionamentos ao determinismo dos adultos frente às suas possibilidades de enfrentamento do mundo. Ou seja, a performance:

[...] se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma emergência, um fenômeno que sai desse contexto ao mesmo tempo em que encontra lugar. Algo se criou, atingiu a plenitude e, assim, ultrapassa o curso comum dos acontecimentos” (ZUMTHOR, 2007, p. 31).

A partir dessa compreensão, passamos a respeitar os modos de viver das crianças. Não aquela criança que se enquadra nos padrões das sociedades de consumo e que tem o brinquedo industrial e a mídia como definição da imagem de si mesma, mas a visão das próprias crianças, que, ao valorizarem suas culturas lúdicas, nos mostram o quanto vale a pena ser diferente em um mundo que impõe tanta padronização. A infância é uma fase plena, que se constrói nas relações mais intensas vividas no dia a dia, nas quais as brincadeiras são fundamentais.

## **1.2 A escola e o exercício do magistério**

Em 1997, quando eu tinha cerca de sete anos de idade, tive a oportunidade de estudar na 1ª série da Escola Municipal “Sagrado Coração de Jesus”, na aldeia Nova América. O meu primeiro professor na época era o senhor Elson de Souza Miquiles, filho do tuxaua Antônio Miquiles, que, atualmente, após a morte de seu pai, foi nomeado tuxaua da aldeia.

A escola onde eu estudava na época era extremamente precária e não oferecia a estrutura adequada para os alunos. Quando chovia, todo o espaço ocupado pelos alunos ficava molhado. A escola era coberta por um tipo de palha chamada caranã. Por ser cultural, a escola, assim como as casas dos alunos, também era coberta de palha. Na escola, havia sempre de 15 a 18 alunos.

Como eu morava do outro lado do rio Andirá e não havia transporte escolar na época, enfrentei muita dificuldade para ir à escola, especialmente durante a época chuvosa. Era necessário pegar um casco (uma espécie de canoa pequena) para atravessar o rio, e muitas vezes chegava molhado, com os alunos que moravam na aldeia rindo de mim.

Enfrentei inúmeras dificuldades enquanto estudava nessa escola, como a falta de transporte escolar, falta de uniformes, material escolar, apoio familiar, merenda, prédio da escola e professores sem formação, entre outros. Estudei nessa escola até a 2ª série, pois na época a escola oferecia apenas essas duas séries. Naquele momento, a educação não era de qualidade, e eu tinha dificuldades com a escrita e a leitura, que não eram boas. Na escola, não havia jornais, programas de TV ou revistas que pudessem ajudar os estudantes a desenvolver a escrita e a leitura. Por isso, durante minha infância, tive pouco aproveitamento nos estudos.

A minha turma era em uma sala multisseriada, o que acredito ter sido um dos motivos para a falta de reforço adequado nos conteúdos, pois o professor não tinha tanto tempo para se dedicar a uma série específica. Era muito difícil para um professor conseguir trabalhar com as diferentes séries em uma única sala.

A partir deste momento, tive que procurar outra escola para continuar meus estudos, mas, infelizmente, não consegui, pois na época não havia uma escola próxima que oferecesse a 3ª e 4ª séries. Por esse motivo, acabei perdendo dois anos sem estudar após terminar a 2ª série.

Em 2001, comecei a estudar na Escola Agrícola São Pedro, localizada na área indígena, uma escola fundada pelo missionário Pe. Henrique Ugge. Lá, vivi uma experiência totalmente nova, com novos amigos, professores e uma metodologia de ensino diferente. Estudei a 3ª e 4ª séries, e as disciplinas eram variadas, porém não usávamos muitos livros. Foi meu primeiro contato com professores não indígenas, que escreviam bastante no quadro e realizavam muitos trabalhos práticos, como a criação de animais e outras atividades relacionadas ao trabalho agrícola.

Na Escola Agrícola São Pedro, as aulas funcionavam de duas maneiras: pela manhã eram teóricas e à tarde, práticas. Admito que isso era exaustivo. As disciplinas eram totalmente novas, como Agronomia e Zootecnia, que não havíamos estudado antes na escola. Achei aquilo muito diferente, mas gostei. Meus colegas, que já estudavam ali há mais tempo, não compartilhavam da mesma opinião. Apesar disso, aprendi bastante e foi bastante gratificante. Estudei nessa escola até a 4ª série.

Em 2003, perdi mais um ano de estudo por não conseguir minha matrícula em outra escola. Depois disso, minha mãe se preocupou com meus estudos e falou com meu primo para procurar minha matrícula na cidade de Parintins, e a situação foi resolvida. Em 2004, então, fui estudar no município de Parintins, na Escola Estadual Senador Álvaro Maia, onde cursei da 5ª à 7ª série.

Lá, a escola era totalmente diferente da realidade indígena. Enquanto estudava nessa escola, enfrentei inúmeros desafios, como moradia, alimentação e recursos para manter meus estudos.

Em junho de 2007, ao retornarmos de férias, o proprietário da casa onde morávamos de aluguel não permitiu mais nossa permanência, pois estávamos com um mês de atraso no pagamento. Por esse motivo, tive que desistir da 8ª série nesta escola devido à falta de recursos, já que não havia como pagar o aluguel da casa. Meu CPF ficou registrado na casa até hoje.

Depois que meu pai conseguiu se aposentar em 2009, a situação mudou. Ele mesmo procurou minha matrícula no município de Barreirinha e conseguiu na Escola Estadual Professora Maria Belém para que eu pudesse continuar meus estudos e terminar o ensino básico. Concluí o 9º ano em 2009 e o 3º ano do Ensino Médio em 2012 nesta mesma escola. Estudei em várias escolas com diferentes metodologias e tipos de ensino, totalizando quatro escolas diferentes, sendo uma delas a Escola Agrícola.

Na escola onde terminei o Ensino Médio, os professores eram maravilhosos e dedicados. Foi lá que comecei a compreender o próximo passo, que era o ensino superior. A escola ajudava de muitas formas os estudantes a se prepararem para o Processo Seletivo Contínuo (PSC) da UFAM e o Sistema de Ingresso Seriado (SIS) da UEA.

Sempre estudei e gostei da área da educação, tendo em mente fazer o curso de Pedagogia. Sentia que estava preparado, mas, mesmo que não conseguisse, tentaria outras oportunidades. Estava confiante de que conseguiria, e, anos depois, assim foi. Quando terminei o Ensino Médio, tentei ingressar no Ensino Superior, pois meu sonho era cursar uma faculdade na área da educação. Prestei vestibular duas vezes para a UEA, mas não consegui passar.

Em 2014, entrei como Agente de Saúde Indígena voluntário na minha aldeia, mas assumi o cargo por apenas um ano e seis meses, pois era difícil trabalhar sem um contrato formal. Por esse motivo, acabei desistindo do trabalho como Agente de Saúde.

No dia 14 de março de 2016, assumi meu primeiro compromisso como professor, trabalhando com turmas do 1º ao 5º ano na Escola Municipal “Filho de Deus” na minha própria aldeia, chamada Sagrado Coração de Jesus. Fiquei surpreso ao receber a informação da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de que iria assumir a sala de aula. Quando recebi essa notícia, fiquei preocupado com a perspectiva de ministrar aulas para crianças de diferentes idades e séries, ou seja, em uma turma multisseriada.

Figura 3 – Escola Municipal Filho de Deus



Fonte: Arquivo pessoal

No início, percebi uma grande diferença e me perguntava como seria possível trabalhar com essas crianças. Uma coisa que me deixava intrigado era o motivo pelo qual todos os alunos estavam na mesma série. Só consegui entender isso com mais clareza quando estava na Universidade, cursando disciplinas que abordavam a realidade das salas multisseriadas e as práticas de ensino na zona rural.

Figura 4 – Alunos de multisseriado 1º ao 5º ano



Fonte: Arquivo pessoal

Em virtude de que devem ser asseguradas condições dignas para que esses indivíduos possam gozar desse direito, que é universal e considerado um dos mais importantes para o desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão, é preciso que as escolas do campo sejam vistas como instituições formadoras de pessoas que irão contribuir para o desenvolvimento da sociedade no futuro. Portanto, não podem ficar à mercê do abandono.

As escolas do campo funcionam em situações precárias, sem condições de funcionamento e, além disso, muitos professores trabalham com carga horária maior do que é permitido, o que acaba prejudicando seu trabalho pedagógico. A infraestrutura é um fator negativo que influencia na aprendizagem do aluno, uma vez que muitas escolas estão sucateadas, sem condições de funcionamento com a falta de materiais, merenda, recursos pedagógicos e pessoal, para fazer a escola funcionar adequadamente (SANTOS & SANTOS, 2017, p. 5).

As escolas da zona rural, especialmente nas áreas indígenas, costumam ser bastante precárias, tanto no ensino quanto na estrutura. Em muitos prédios, há disponibilidade de apenas uma sala de aula para várias turmas, e a falta de professores ainda é um grande problema enfrentado pelos moradores da zona rural. Diversas fragilidades dificultam um ensino de qualidade. Apesar das conquistas feitas pelos movimentos sociais, que ajudaram significativamente a melhorar esses ambientes, inclusive na área indígena, hoje podemos perceber que a educação avançou um pouco em relação ao passado.

Figura 5 - Sala de aula está funcionando



Fonte: Arquivo pessoal

Trabalhei na Escola Municipal Filho de Deus por quatro anos, de 2016 a 2019. Foi nessa escola que iniciei minha primeira experiência como professor. Em 2020, fui lotado na Escola Municipal “24 de Abril”, localizada na comunidade Terra Prometida, na margem esquerda do rio Andirá. Esta comunidade é relativamente nova, com uma população de aproximadamente 15 famílias. A comunidade fica um pouco distante da minha. O tuxaua fundador da aldeia é o senhor Rosário Batista, que me acolheu para trabalhar nessa comunidade nos anos de 2020 e 2021. Até o momento, trabalhei em apenas duas escolas diferentes.

## **CAPÍTULO II**

### **A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NÍVEL SUPERIOR**

Em 2017, fiz o processo seletivo do PARFOR para disputar uma vaga na Licenciatura em Pedagogia. Depois recebi a notícia de que tinha passado no curso que havia escolhido, e ainda mais em uma das melhores universidades, que é a Universidade Federal do Amazonas. As aulas desse curso começaram em julho de 2019, com a professora Edicleuza Costa Ribeiro, graduada em História pela UEA, como coordenadora local. A princípio, as aulas começaram com três disciplinas: Filosofia da Educação I, Metodologia do Trabalho Científico e Língua Portuguesa.

#### **2.1 O ingresso no PARFOR: A trajetória da formação em serviço**

O PARFOR foi criado como programa emergencial para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009), que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplinando a atuação da CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada. Tal programa visou atender às diretrizes ancoradas no Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, criado pelo Decreto nº 6.094/2007, como programa estratégico do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Esse plano, lançado em 2007, elencava entre seus objetivos a formação de professores e a valorização dos profissionais da educação (BRASIL, 2007).

Para Ghedin, Leite e Almeida (2008, p. 17), os cursos de formação de professores devem possibilitar aos docentes, antes de tudo, superar o modelo de racionalidade técnica para lhes assegurar a base reflexiva na sua formação e atuação profissional. Isso implica superar um modelo de formação que considera o professor como transmissor de conhecimento, preocupado apenas com a formação de atitudes de obediência, de passividade e de subordinação nos alunos, que seriam vistos como assimiladores de conteúdos, a partir de práticas de memorização e repetição, sem relação com o cotidiano ou a vida social dos estudantes. Para esses autores:

É preciso assegurar que a formação de professores possibilite ao profissional docente saber lidar com o processo formativo dos alunos em suas várias dimensões, além da cognitiva, englobando a dimensão afetiva, da educação dos sentidos, da estética, da ética e dos valores emocionais. Exige ainda uma formação que promova a participação ativa do professor no projeto pedagógico da escola, em solidariedade com os colegas e com os alunos [...] (GHEDIN, LEITE & ALMEIDA, 2008, p. 17).

Considerando que a formação de professores deve estar em conexão com as demandas da Educação Básica, na proposição do PARFOR, um curso de formação inicial para professores em exercício, as instituições de ensino superior (que já realizam a formação em cursos de licenciaturas) são responsáveis pelo planejamento das atividades e ações de formação dos professores em diferentes áreas do conhecimento e em seus contextos de atuação. A profissão docente deveria ser exercida de um modo no qual os professores

Não sejam reconhecidos como sujeito do conhecimento quando lhes concedemos, dentro do sistema escolar e dos estabelecimentos, o status de verdadeiros atores, e não o de simples técnicos ou de executores das reformas da educação concebidas com base numa lógica burocrática (TARDIF, 2012, p. 243).

Sob essa perspectiva, o professor torna-se sujeito ativo do seu processo de formação, em relação à sua prática cotidiana, com possibilidade de rever essa prática na escola. No caso da formação de professor, é considerado que, para ser ator de sua ação e autor de seu discurso, o professor precisa ter formação na área de conhecimento na qual atua. É fundamental a participação ativa do profissional docente nesta e em outras políticas de formação, como forma de ter plena capacidade de repensar suas atividades pedagógicas, a partir do conhecimento da área em que atua.

Os professores (alunos do Programa), no cotidiano do trabalho, estão em busca de informações e conhecimentos, formando-se na prática ao vivenciar e partilhar suas experiências docentes. Nesse sentido, é necessário investir em propostas de formação em serviço que mobilizem os professores na reconstrução de alternativas coerentes com os pressupostos teóricos da concepção formativa. Isso significa garantir uma formação mais ampla e de qualidade para esses profissionais.

As aulas pelo PARFOR aconteciam de forma modular em períodos de férias. Não posso negar o orgulho de ter passado, assim como o de minha família, pois eu era o primeiro filho de meus pais a conseguir tal proeza. Pode parecer pouco, mas já é uma conquista tão sonhada: a graduação em Pedagogia. Era uma expectativa esperada por toda a minha família, que sonhava em ter alguém como profissional na área da educação dentro do nosso núcleo familiar.

Já tive muitos professores, mas alguns deixaram uma marca significativa, enquanto outros apenas passaram. No entanto, todas as experiências e vivências foram importantes. As disciplinas ocorriam geralmente em oito dias, com aulas presenciais pela manhã e à tarde, mas continuávamos os estudos para executar as atividades solicitadas. Os conhecimentos se



estruturavam e reestruturavam continuamente.

Figura 6 – Apresentação de trabalho



Fonte: Arquivo pessoal

O aprendizado foi importante e, para aqueles que ainda não vivenciam a sala de aula, o campo de estágio é, sem dúvida, o início das experiências sobre a docência. Pode-se fazer uma analogia com uma corrente sendo forjada: o ferro é aquecido na fornalha para ser moldado, e os anéis que formam a corrente são ajustados. Da mesma forma, o campo de estágio é uma fornalha onde o estudante reflete o conhecimento aprendido, unindo teoria e prática, e começa a se tornar professor.

Um dos aspectos dos cursos de férias é a falta de projetos de extensão e pesquisa. O tripé universitário, composto por ensino, pesquisa e extensão, não se constituiu como seria necessário. Embora o ensino seja privilegiado, a ausência desses elementos na formação como um todo faz falta. A inclusão de pesquisa e extensão fortalece o acadêmico, permitindo que ele defina o rumo de sua profissionalização na área escolhida, além de contribuir para a formação de um cidadão consciente de sua condição e de seu papel político-social.

Diante de tudo o que já disse, me considero uma pessoa muito simples. Minha vida sempre foi de resistência diante dos obstáculos que enfrentei para sobreviver; acredito que continuo resistindo, e essas experiências vividas me fizeram amadurecer. Sempre acreditei em um ser superior a guiar meus passos. Olho para a vida a partir das perspectivas das minhas observações e reflexões e procuro agir de acordo com princípios fundamentais para mim como pessoa. Vejo muitos se envolverem em causas importantes, como a natureza, os animais e as questões políticas, entre outras, e percebo que há milhares nessa luta. Reconheço a importância dessas ações diante de atitudes destruidoras da natureza, do desrespeito à vida animal e da

política mundial e nacional decadente, que levam pessoas à marginalização e não respeitam os cidadãos.

Figura 7 – Escrevendo o Memorial



Fonte: Arquivo pessoal

“A educação visa à formação para a cidadania, a integração e participação na convivência humana. Se não contribuir para formar o novo cidadão, não estará realizando aquilo que lhe deve ser específico.” (ROSSA, p. 15, 1991). Desse modo, acredito que a educação nos ensina o respeito, a moral e a boa conduta, mas o que está intrínseco no currículo oculto dessa disciplina fecha a visão e faz obedecer. A quem? Aos que os governos querem. Sou fruto dessa educação.

### **CAPÍTULO III**

#### **REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A GESTÃO ESCOLAR**

O Estágio Supervisionado em Gestão da Educação se constitui como um elemento essencial para a construção da identidade profissional, além de ser um importante momento de aprendizagem e aprimoramento de nossas práticas dentro da sala de aula, na organização do trabalho escolar e na elaboração do planejamento. Ou seja, é o espaço onde a teoria e a prática estarão relacionadas e deverão andar lado a lado para melhorar o estudo da realidade e a prática do futuro profissional que atuará na gestão escolar.

#### **3.1 A Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na escola amazônica**

O presente relatório foca nos relatos das vivências da disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, ocorrendo em dois momentos: no campo do estágio e por meio das atividades teóricas, como leitura, fichamento, músicas e vídeos. As atividades teóricas desenvolvidas dentro da disciplina tiveram como objetivo auxiliar nossa compreensão e

aprendizagem das vivências no campo do estágio, tendo em vista a importância que ele representa na nossa formação profissional para atuar na Educação Infantil.

Sabemos que, para atuar nesse nível de ensino, é preciso compreender como as crianças se relacionam com o mundo e com as pessoas, consolidando, nesse processo, uma forma própria de enxergarem a si mesmas. Temos aprendido que os pequenos constituem sua identidade de acordo com o modo como são acolhidos pelas pessoas de seu entorno (VIGOTSKI, 2010), e isso inclui, de maneira especial e mais direta, a família e a escola. Nesse sentido, a formação de professores assume um papel fundamental no desenvolvimento de práxis pedagógicas caracterizadas pela observação atenta das crianças, pelo conhecimento das especificidades de sua aprendizagem e, assim, pela intencionalidade e sistematicidade que permitem o movimento de aproximação entre o ideal que temos para elas e a realidade que efetivamente vivem.

O estágio é, desse modo, um espaço-tempo fundamental para a formação de professores. Para além da aplicabilidade dos conhecimentos teóricos consolidados na academia, numa perspectiva estritamente técnica que separa teoria e prática, constitui-se como uma oportunidade de construção de saberes sobre as crianças, concretas e historicamente situadas, e de formas de mediação sobre seu desenvolvimento.

A construção da identidade profissional se dá mediante o envolvimento com as ações desenvolvidas e a interação com a realidade, permitindo rever as ações e concepções enquanto futuro profissional escolar, desenvolvendo assim suas próprias maneiras de pensar e agir, que serão refletidas em toda a instituição da qual faça parte (SILVA & GASPAR, 2018).

Esse momento se constitui por ser repleto de oportunidades para refletir, rever ações e construir novas concepções. Permite que o estagiário tenha a oportunidade não só de aprender relacionando teoria e prática, mas também de ensinar, levando os próprios profissionais formados e atuantes a refletirem sobre suas práticas educativas. Pois, é “no espaço/tempo do estágio que são reveladas as inquietações, descobertas, certezas e incertezas da escolha profissional, momento em que se descortinam as problematizações de um cenário complexo e de busca de soluções, num movimento de reflexão-ação-reflexão” (SILVA & GASPAR, 2018, p. 3).

Ostetto (2008) também ressalta que o exercício de se desvendar, que ocorre nas experiências de estágio, é fundamental para então poder enxergar o outro. Nesse sentido, o integrar-se à instituição educativa representa para o estagiário uma rica possibilidade de formação, na qual vai descobrindo-se, imaginando-se (ou não!) professor, pois está mais

próximo da realidade da profissão escolhida, construindo experiências por meio do contato com situações distintas das vivenciadas na academia.

O estágio aconteceu na Escola Municipal Indígena Filho de Deus, na Aldeia Sagrado Coração de Jesus, localizada na margem esquerda do rio Andirá, na Área Indígena Sateré-Mawé, município de Barreirinha-AM. Atualmente, a escola oferece apenas Educação Infantil e Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano. Por oferecer apenas essas duas séries, a escola passou a funcionar somente no período matutino. Atualmente, a escola conta com um quadro de funcionários que possuem ainda a formação ideal, pois os professores alocados nessa escola possuem apenas ensino médio, sendo os funcionários dessa da escola apenas 02 professores e 01 merendeira.

A Escola Municipal Indígena Filho de Deus foi criada no dia 11 de abril de 2013, no mesmo ano da criação da Aldeia Sagrado Coração de Jesus, e recebeu esse nome em homenagem ao professor Heranildo Miquiles de Oliveira. A escola é composta por apenas duas salas de aula, sendo que uma está em funcionamento e a outra ainda não foi concluída. A construção da escola é realizada com a contrapartida da comunidade e da prefeitura, mas a falta de recursos tem dificultado a conclusão do pequeno prédio escolar. A imagem desta escola pode ser vista nos apêndices deste relatório. Como a escola não possui uma cozinha, a merendeira trabalha em sua própria casa, servindo merenda para as crianças.

Desde sua criação, a escola não aumentou o número de suas matrículas, pois a demanda das famílias na comunidade é baixa. No entanto, as aulas acontecem todos os anos. Atualmente, por exemplo, uma turma de Educação Infantil conta com 10 alunos, e o Ensino Fundamental I tem 14 alunos, totalizando 24 alunos matriculados na escola. A cobertura da escola é feita com telhas Brasilit, tem 14 metros de comprimento e 5 metros de largura, e a mão de obra foi realizada pelos próprios moradores da comunidade.

Até o presente momento, não houve nenhuma programação promovida pela escola, pois, ao meu ver, os professores que trabalham nesta escola não têm interesse em promover eventos para a comunidade, como o Dia das Mães, o Dia dos Pais e outras datas importantes, que deveriam ser organizadas pela escola com a colaboração dos professores e da comunidade em geral.

No estágio, tivemos momentos de observação e participação, onde pudemos acompanhar o dia a dia e a correria de gerir uma instituição, envolvendo diversas situações, como a gestão dos recursos (material escolar). Durante esses vinte dias de Estágio

Supervisionado em Educação Infantil, vivenciamos muitas experiências com as crianças, nas quais muitas vezes fomos envolvidos diretamente, sempre que elas permitiam e aceitavam nossa participação.

Não será possível descrever e analisar todas as situações devido à grande quantidade de "dados", principalmente pela especificidade e restrição na escrita de um artigo. Dessa forma, escolhemos, juntamente com as crianças, expor e explicar a brincadeira de casinha, que, na língua materna (myp'yat), é uma das mais comuns entre elas e que lhes parecia uma necessidade constante de realização.

A descrição que procederemos aqui parte das escolhas feitas em acordo com as crianças, diante do que para elas era mais significativo, neste universo de inúmeras possibilidades. Assim, nossas análises também estão diretamente ligadas à participação das crianças em todo o processo. Tal opção é reforçada por Silva, Barbosa e Kramer (2005, p. 52), ao indicar que é “[...] preciso que o pesquisador/estagiário se coloque no ponto de vista da criança, como se estivesse vendo tudo pela primeira vez [...]. Isso vai exigir do pesquisador/estagiário descentrar seu olhar adulto para entender, através das falas das crianças, os mundos sociais das infâncias.”

As meninas se reuniram em um espaço coberto, que é usado como uma oficina de artesanato, ou nas barracas de venda de artesanato, ou em outros lugares onde houvesse a possibilidade de brincar, desde que os adultos não estivessem trabalhando. Assim, elas ocupavam o local disponível na frente da escola. Rapidamente, iam chegando e já começavam a brincar. Arrumavam a “casa” com os vários objetos ao seu redor. Palhas, cipós e pedaços de madeira viravam bancos, mesas, camas e armários, que eram adornados com folhas, pedrinhas, sementes e tudo o que possibilitasse a elas compor o ambiente.

Baseando-se nos estudos teóricos, o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. Oliveira (1995) esclarece que essa zona de desenvolvimento proximal é um domínio psicológico em constante transformação. Refere-se ao caminho de amadurecimento das funções da criança, ou seja, ações que, hoje, a criança desempenha com a ajuda de alguém, ela conseguirá, amanhã, fazer sozinha. Durante o brincar, a criança se solta e se permite mais, vai além do comportamento habitual para sua idade e de suas atitudes diárias. Ela se torna maior do que realmente é na realidade. Assim, o brincar vai despertar aprendizagens que se desenvolverão e se tornarão parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo.

A única questão que observei durante meu estágio nesta escola foi a falta de material escolar fornecido pela SEMED, a secretaria responsável por doar material pedagógico. No entanto, mesmo assim, com meu esforço como estagiário, conseguimos obter os materiais necessários para trabalhar com as crianças. Isso foi observado ao longo do meu estágio em Educação Infantil.

### **3.2 Práticas e vivências no campo do Estágio anos iniciais**

No que se refere ao planejamento desenvolvido durante o período de intervenção, foram abordados aspectos como áreas do conhecimento, conteúdos, objetivos, desenvolvimento das aulas, atividades realizadas, avaliação, recursos utilizados e referências bibliográficas. O Diário de Campo foi construído a partir dos registros realizados diariamente após as aulas, constituindo-se pelas principais eventualidades ocorridas durante as atividades, dinâmicas e diálogos no decorrer das aulas.

Esse tipo de experiência é de relevância ímpar para nós, futuros professores/pedagogos, pois só estando diretamente envolvidos no campo escolar é que podemos entender as atitudes, dificuldades, anseios e satisfações que o profissional da área pode vivenciar. Esse estágio nos proporcionou um contato efetivo com a realidade vivida no dia a dia da profissão e os desafios da prática docente.

A rotina da escola segue este roteiro: às 7:00 horas, com acolhida, o professor convida os alunos para uma oração; em seguida, há a roda de conversa, que é um momento privilegiado para diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano, as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e ouvir os amigos, trocando experiências. Essa atividade foi estudada e discutida durante a graduação.

Logo após vem a Leitura em Ação, momento em que o professor regente tem a oportunidade de avaliar a leitura e a interpretação de seus alunos. Cinco alunos vão para a frente da sala e descrevem o texto ou historinha que o professor leu. Em seguida, o professor pede para que o aluno leia uma parte do texto com a qual mais se identifica ou que mais gostou. Posteriormente, ocorre a verificação e correção das atividades de casa, para depois dar início

ao desenvolvimento da sequência da aula. Às 9:00 horas até às 9:15 horas é o intervalo para lanche, que dura 15 minutos, e às 11:00 horas os alunos são liberados.

Todos os dias eram passados conteúdos de português e matemática, as demais disciplinas eram divididas na semana. Prevalendo a preferência dos conteúdos de português e matemática. Os conteúdos são repassados de forma planejada, organizada e programada de acordo com os temas do planejamento, verificando-se o esforço por parte do professor para que os alunos internalizem o que está sendo transmitido em sala de aula. Era notável que o professor as atividades, e ao chegar à sala de aula havia um roteiro pronto a ser trabalhado. A metodologia utilizada era por meio da participação dos alunos, interação aluno e professor. Percebia-se que boa parte das crianças tinham mais domínio sobre conteúdo e que apresentavam um bom desempenho. Uma das dificuldades mais notáveis dos educandos é a escrita, o professor regente relata que trabalhar bastante com eles o treino ortográfico para ver se conseguiu suprir essa dificuldade.

O convívio com os alunos é muito bom. Durante os dias de observação, eles não brigaram, não gritaram e não demonstraram nenhuma forma de preconceito ou hostilidade uns com os outros. Notei casos de insegurança e apatia em duas crianças, que não demonstraram interesse pelos conteúdos apresentados pelo professor. No geral, os alunos interagem muito bem entre si; observei que todos conversam uns com os outros e não houve nenhum caso de isolamento.

Durante as atividades de intervenções pedagógicas, seguimos o horário das 7:00 às 11:00, de segunda a sexta-feira. Começamos a semana seguindo a rotina já estabelecida pelo professor regente, com a oração após a chegada de todos e, em seguida, o momento da Leitura em Ação. Em vez de apenas falarem o que entenderam, pedi para os alunos lerem um texto e, em seguida, solicitei que o restante da turma escrevesse no caderno o que entenderam do texto. Quando peço para um aluno ler o texto e depois para os demais escreverem com suas próprias palavras, estou fazendo com que as crianças pensem sobre o texto de forma crítica, realizando uma análise mental e, em seguida, uma síntese do que entenderam. “No resumir, busca-se referenciar as ideias relevantes [...] os estudantes exercitam o pensar, porque necessitam estabelecer critérios discriminativos, capazes de vislumbrar o que de fato é relevante e pertinente ao assunto” (TOMELIN & SIEGEL, 2007, p. 166). Dando continuidade ao treino ortográfico, trabalhamos o emprego correto da ortografia e suas conexões do M/N e L/U, utilizando atividades xerografadas para a realização do trabalho.

Foi apresentada, durante as duas semanas, a diferença entre poema e prosa, utilizando o texto “Vida de Circo”, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o gênero literário. Realizamos uma interpretação do texto e, em seguida, pedi para formar grupos de três a quatro alunos para criar um pequeno poema, com a intenção de expô-lo no mural da sala de aula. Trabalhei também os encontros consonantais, dígrafos e problemas de operações envolvendo a multiplicação, utilizando atividades xerografadas e escritas no quadro branco.

Na terceira e quarta semanas, abordamos o meio ambiente por meio de cartazes, músicas, vídeos e atividades que chamassem a atenção e desenvolvessem a criatividade dos educandos. Nos conteúdos de Matemática, apresentei o dominó da multiplicação, tornando a aprendizagem mais prazerosa e buscando envolver cada vez mais a participação dos alunos, incentivando a interação deles com os colegas e com o estagiário. As produções textuais trabalhadas durante o período de intervenção do estágio foram o que mais chamou a atenção.

A cada semana, a desenvoltura, a estrutura e os resultados das produções dos alunos estavam superando minhas expectativas. Ao se posicionarem em frente à sala e lerem corretamente uma produção feita por eles próprios, os alunos demonstravam cada vez mais orgulho de si mesmos. Pude perceber isso também nos olhos do professor regente, que ficou maravilhado com a desenvoltura de alguns alunos. A criatividade desses pequenos é um poço sem fundo; cabe ao professor incentivar seus alunos a criarem e se desenvolverem cada vez mais. Nessa etapa, houve uma grande integração entre os alunos, com cada um explicando seu texto e todos prestando atenção. À medida que realizamos as atividades com as crianças, percebemos que a criação de um texto chamou a atenção delas e estimulou a criatividade de cada um.

No último dia, foi a vez da aula-passeio, onde todas as crianças interagiram no ambiente da comunidade. Visitamos a comunidade, incluindo a igreja, o barracão, o campo de futebol, as casas das famílias, padarias, entre outros locais. Durante a aula-passeio, as crianças se divertiram muito, conversando, perguntando, rindo e pulando; todos estavam animados. O objetivo geral dessa aula-passeio foi desenvolver o universo cultural e social dos alunos, permitindo-lhes refletir e observar criticamente os aspectos funcionais de sua comunidade.

Apesar de todo isso que foi descrito acima, essa experiência não ensina a ninguém a ser professor, mas oferece componentes importantes que destacam outros saberes e questões que podem impulsionar a elaboração da identidade profissional. A construção da identidade



profissional não será concluída apenas com este momento de estágio, mas sim através do exercício da profissão e de uma formação contínua.

### **3.3 A gestão escolar no contexto do Amazonas**

No que se refere ao planejamento desenvolvido durante o período de Estágio Supervisionado em Gestão da Educação, foi elaborado um projeto de intervenção para que os professores possam aprender a elaborar o plano de aula de acordo com a BNCC. O projeto foi construído com base em uma das áreas de conhecimento e incluiu conteúdos, objetivos, desenvolvimento das aulas, atividades realizadas, avaliação, recursos utilizados e referências bibliográficas.

Já o diário de campo foi construído a partir dos registros realizados diariamente após as aulas, e é constituído pelas principais eventualidades ocorridas durante a realização das atividades, dinâmicas e diálogos tecidos no decorrer das atividades.

Esse tipo de experiência para nós, futuros professores e pedagogos, é de relevância ímpar, pois só estando diretamente envolvidos no campo escolar é que podemos entender as atitudes, dificuldades, anseios e satisfações que o profissional da área pode vivenciar. Esse estágio nos proporcionou um contato efetivo com a realidade vivida no dia a dia da profissão e com os desafios da prática docente.

Como na escola onde ocorreu o meu estágio não há gestor, pedagogo e secretário, o maior tempo vivenciado no campo foi dedicado à elaboração do planejamento de aula com os professores e a comunidade.

Ao iniciar o estágio, nos deparamos com a primeira atividade de observação, que foi verificar como a escola estava funcionando, a acolhida dos alunos por parte dos professores e a interação com a comunidade. Além disso, observei a estrutura física da escola, que não é adequada para atender às crianças: as carteiras são inadequadas, falta material pedagógico, entre outros problemas. Todo isso foi observado na primeira semana de estágio em gestão.

Na segunda e terceira semanas de estágio, trabalhamos na elaboração do planejamento de aula com os professores e a comunidade e também conhecemos a estrutura da escola, baseando-nos tanto na teoria quanto na prática. A construção da identidade profissional se dá mediante o envolvimento com as ações desenvolvidas e a interação com a realidade, permitindo rever as ações e concepções enquanto futuro profissional escolar.

Dessa forma, é possível desenvolver suas próprias maneiras de pensar e agir, que serão refletidas em toda a instituição da qual faça parte (SILVA & GASPAR, 2018). Nesse momento de estudo, foi abordado o conceito de Planejamento Escolar. O planejamento escolar é o processo de tomada de decisões em relação aos aspectos administrativos, financeiros e pedagógicos, no âmbito da escola. Realizado de maneira a propiciar a participação coletiva e democrática de todos os segmentos (professores, servidores e alunos), está voltado à melhoria da qualidade do ensino.

Um importante documento fruto do planejamento da escola é o PPP; no caso das escolas indígenas, é o PPPI. Até o momento, nenhuma das escolas indígenas do município de Barreirinha possui o seu PPPI. O PPP da escola, de acordo com Dourado et al. (2006), deve refletir a dinâmica da instituição. Nele devem ser explicitados os objetivos, anseios e desejos, ou seja, tudo aquilo que a escola pretende alcançar. Nesse sentido, o PPP se constitui como um caminho em busca de uma nova direção e de um novo sentido, mediado por forças internas e externas, visando atingir os objetivos esperados e englobando ações explícitas e intencionais para a compreensão da escola que temos e a construção da escola que queremos.

Depois de ter feito tudo isso, é o momento de partir para o planejamento da aula. Isso ocorreu na terceira semana do campo de estágio, quando foi abordado o conceito de plano de aula. Planejar não é improvisar. É preparar e organizar bem o que se irá fazer, acompanhar sua execução, reformular as decisões já tomadas, redirecionar a execução, se necessário, e avaliar o resultado ao seu término. Portanto, ao planejar uma aula, o professor deve prever a sequência e os procedimentos, as atividades que irá desenvolver, no sentido de concretizar os conhecimentos previstos no plano de curso ou de unidades, e esse planejamento é o que chamamos de plano de aula.

Ao planejar uma aula, o professor deve retornar ao plano de curso, reler os objetivos e a sequência dos conteúdos e unidades e, em seguida, como nos ensina Haydt (2006), desenvolver os seguintes elementos do plano de aula:

- Elaborar os objetivos;
- Especificar os conteúdos;
- Definir os procedimentos metodológicos;
- Indicar os recursos didáticos;
- Estabelecer como será feita a avaliação de aula.

Tudo isso foi desenvolvido na forma de teoria e prática. É recomendável que o professor conheça os tipos de aula para melhorar a qualidade de seus registros, seja nos diários de classe, nos relatórios ou na definição de seu plano de ensino. Neste caso, o plano precisa sempre responder às perguntas "o quê", "para quê", "como" e "quando?". Seja anual, semestral ou bimestral, deve registrar aquilo que foi definido no planejamento.

Na sequência, foram abordados o conhecimento da estrutura interna de uma escola e a importância das funções de cada setor. Toda a instituição escolar necessita de uma estrutura organizacional interna, geralmente prevista no Regimento Escolar ou em legislação específica estadual ou municipal, sendo esta composta por:

a) Conselho escolar

O Conselho Escolar tem atribuições consultivas, deliberativas e fiscais, em questões definidas na legislação estadual ou municipal e Regimento Escolar. Essas questões, geralmente, envolvem aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros.

b) Direção

O Diretor coordena, organiza e gerencia todas as atividades da escola, auxiliado pelos demais componentes do corpo de especialistas e técnicos administrativos, atendendo às leis, regulamentos e determinações dos órgãos superiores do sistema de ensino.

c) Setor técnico administrativo

O Setor Técnico Administrativo é responsável pelas atividades e meios que asseguram o atendimento aos objetivos da escola.

d) Setor pedagógico

O Setor Pedagógico compreende a coordenação pedagógica e a orientação educacional. O coordenador pedagógico ou professor-coordenador supervisiona, acompanha, assessora, apoia e avalia as atividades pedagógico-curriculares. Sua atribuição prioritária é prestar assistência pedagógica-didática aos professores em suas respectivas disciplinas, no que diz respeito ao trabalho interativo com os alunos.

Tudo isso foi discutido na terceira semana de estágio, que foi muito proveitosa. Os professores ficaram muito satisfeitos e agradeceram a presença do estagiário por ter contribuído com o conhecimento adquirido no espaço acadêmico e por ter mostrado um

excelente trabalho para a escola e, sem dúvida, para a comunidade escolar.

### **3.4 Plano de Ação/Intervenção**

O Plano de Ação/Intervenção foi elaborado na gestão democrática da escola, onde foram discutidos e debatidos temas junto com os professores e a comunidade. O Plano de Ação/Intervenção trata da direção como princípio e atributo da gestão democrática e da gestão participativa. Segundo Libâneo (2012), o significado do termo direção, no contexto escolar, difere de outros processos direcionais, especialmente empresariais. Ainda segundo o autor, a escola, ao cumprir sua função social de mediação, influi significativamente na formação da personalidade humana; por essa razão, são imprescindíveis os objetivos políticos e pedagógicos (LIBÂNEO, 2012, p. 453).

O trabalho foi realizado por meio da implementação do projeto de intervenção pedagógica, que incluiu grupos de estudos com leituras de pressupostos teóricos e metodológicos, vídeos, documentários e questões, objetivando discutir ações para compreender o conceito de gestão escolar democrática e envolver toda a comunidade escolar, incluindo professores, pedagogos, diretores e o conselho escolar.

A implementação deu-se por meio de oito tópicos de seis horas cada: gestão democrática, a participação vai além do voto, autonomia e utopia, a equipe diretiva como articuladora da gestão escolar democrática, gestão de pessoas: uma questão de humanidade, a organização escolar: um processo de gestão, colegiados: uma parceria que funciona e sala de aula: ambiente para exercitar a democracia.

Cada encontro abordou um assunto específico, com fundamentação teórica sobre seu papel na escola, e, por meio do diálogo, foi trabalhada coletivamente a prática necessária e a ação atual, garantindo a todos o acesso às informações referentes aos aspectos administrativos, pedagógicos e financeiros da escola. Portanto, o objetivo do projeto foi proporcionar conhecimento-reflexão-ação, por meio do aprender fazendo, objetivando uma gestão participativa que contribuísse para a qualidade da aprendizagem escolar. Por meio desta ação, pretendemos ampliar nossa proposta de gestão escolar democrática, norteadas por princípios comuns e informações que garantem o cumprimento de normas, leis e diretrizes básicas.

Pensar sobre uma gestão democrática envolve a abertura para práticas e ações

coerentes com as transformações e o novo, sempre em busca da investigação e análise de como a gestão democrática é realmente conduzida no chão da escola. É importante avaliar se ela ocorre de fato ou se é apenas um modismo que ecoa como melodia aos ouvidos da comunidade escolar durante os períodos de consulta para a escolha de diretores. Isso precisa ser revisto, pois não pode ficar apenas nos discursos de quem deseja ser gestor.

Colocar a escola como ambiente de aprendizagem da gestão democrática significa entender que é na escola que o indivíduo desenvolve os saberes e as competências do ensinar e aprender por meio de um processo ao mesmo tempo individual e coletivo. Espera-se que este estágio sirva de suporte, análise e reflexão para futuros estudos e que possa contribuir com a comunidade escolar, profissional e acadêmica, no intuito de formar cidadãos críticos e com atitudes na sociedade, em busca do fortalecimento da consciência democrática.

A boa gestão não está ligada às ações de uma só pessoa, mas envolve a comunidade escolar, com todos interagindo entre si, favorecendo a troca de conhecimento entre professores, a equipe diretiva, alunos e pais. Apesar do papel do gestor ser fundamental, sozinho ele não consegue atingir as metas de um aprendizado de qualidade. O professor também deve estar envolvido com o trabalho de gestão, pois, na extremidade de todo o processo, está ele com todos os seus alunos, aplicando tudo o que foi organizado e planejado em equipe.

Tudo isso foi abordado durante o estágio em gestão da educação, e a comunidade escolar ficou satisfeita com o excelente trabalho do estagiário. Antes, não tinha compreensão do que seria a gestão democrática, mas, hoje, depois conseguir realizar o trabalho na escola através do estágio, já tenho uma base sobre o conceito e a prática de como funciona a gestão escolar.

Portanto, podemos concluir que uma administração comprometida com a gestão democrática precisa primar por uma gestão descentralizadora, sempre em busca de uma aprendizagem efetiva para a conquista da independência intelectual de seus educandos. “Agradeço à instituição que nos proporcionou o estagiário na nossa Escola Filho de Deus”, disse o tuxaua da aldeia Sagrado Coração de Jesus, onde foi realizado o estágio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preparação deste memorial me permitiu a oportunidade de voltar no tempo, através das lembranças e fatos, rememorando as dificuldades e também as oportunidades vividas ao longo da minha trajetória, desde a infância até a escola, passando pela zona rural e urbana. As lembranças da infância na escola onde eu estudava me fizeram recordar a didática adotada com as crianças durante as aulas e como marcou minha infância, especialmente a turma multisseriada, onde convivíamos com alunos de outras séries, observando diferentes disciplinas no mesmo ambiente.

No Ensino Médio, adquiri experiências que facilitaram as apresentações de seminários. Mesmo diante das dificuldades encontradas, essas experiências me prepararam para uma realidade que eu poderia vivenciar no Ensino Superior. Não é fácil cursar a Graduação com uma metodologia de ensino diferente, mas os conhecimentos adquiridos permitiram uma contribuição significativa para a vida profissional e acadêmica, instigando a busca por pesquisas e métodos de ensino inovadores, usando como base o aprendizado em sala de aula.

Todas as experiências vivenciadas ao longo da minha vida escolar me influenciaram a estudar Pedagogia. Esse curso me dará a oportunidade de atuar em diferentes ambientes escolares, pois já vivenciei a realidade de cada um de forma participativa, e agora quero contribuir de maneira construtiva para a educação.

Creio que alcancei meu principal objetivo neste memorial, que foi relatar minha trajetória de vida e educacional, possibilitando revelar um pouco da realidade vivida e o compromisso com a educação, dando um maior sentido à minha carreira acadêmica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do plano de metas compromisso todos pela educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2007. Disponível em: <http://WWW.planalto.gov.br/ccivil-03/ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BRASIL. Decreto n. 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a política nacional de formação de profissionais do magistério da educação básica, disciplina a atuação da capes no fomento a programa de formação inicial e continuada e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 de jan. 2009. Disponível em: <HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil-03/-ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm>. Acesso em: 08 jun.2024.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto: **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BUJES, Maria Isabel E. Escola Infantil: pra que te quero. *In* Craidy, Carmem; KAERCHER, Gládis E.(orgs). **Educação Infantil pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria Isabel; LEITE, Yoshie Ussami Ferrar. **Formação de professores, caminhos e descaminhos da prática**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. p. 30-32.

MINAYO, M. C. S (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 51. Jul,- set. 2014.

ROSSA, Pe. L. Proposta para o Ensino Médio na Nova LDB. *In*: GARCIA, W.; CUNHA, C. G. (Coord.). **Politécnica no ensino médio**. São Paulo: Cortez; Brasília: SENEb, 1991. (Cadernos SENEb; 5). Brasil. Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001620.pdf>. Acesso em: 28 ago.2023.

SANTOS, Robson de Souza; SANTOS, Marilene. Educação do campo: classes multisseriadas e seus desafios pedagógicos. *In*: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. 2017.

SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (org) **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global. 2002.

TARDINE, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014. p.229-230.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepções, leitura**. 2. ed. ver. E ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2007.